

CAPÍTULO 2

# DIVERSIDADE, DESIGUALDADE E EQUIDADE

---



# NESTE CAPÍTULO VOCÊ VAI LER SOBRE:

- Os conceitos de desigualdade, diversidade e equidade
- A educação para todos
- Juventudes e diversidades
- Juventudes e direitos Humanos
- As múltiplas identidades dos jovens do Ensino Médio
- Os processos de identidade, reconhecimento e exclusão
- Interseccionalidade: quando as discriminações se somam
- O impacto das relações de gênero nas relações dos jovens com a escola



# O QUE É DESIGUALDADE

A desigualdade social se mostra nas dinâmicas e relações da nossa sociedade que limitam ou prejudicam determinado grupo ou círculo de pessoas.

**“A DESIGUALDADE NÃO É NATURAL, ELA É UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL. QUANDO A DESIGUALDADE É NATURALIZADA, ELA PASSA A INSTITUIR O PODER DA OPRESSÃO SOCIAL. OS MECANISMOS QUE REPRODUZEM AS DESIGUALDADES DEVEM SER REVELADOS DE FORMA QUE SE POSSIBILITE SEU ENFRENTAMENTO PELA SOCIEDADE CIVIL POR MEIO DA CIDADANIA ATIVA, BUSCANDO A GARANTIA DA JUSTIÇA DE GÊNERO, DA IGUALDADE RACIAL, DOS DIREITOS HUMANOS E O APROFUNDAMENTO DA DEMOCRACIA.”**

- Kátia Maia,  
Presidente Oxfam Brasil

**Por exemplo: acesso desigual à escolaridade e à renda, disparidades regionais e entre campo e cidade (bairros periféricos e bairros centrais), tratamento diferente entre homens e mulheres.**



# DESIGUALDADE X LIBERDADE

**A desigualdade também está diretamente ligada à falta de liberdade.**

É o que acredita o indiano Amartya Sen, professor de economia e filosofia. Ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1998, é um dos idealizadores do Índice de Desenvolvimento Humano - IDH e fundador do Instituto Mundial de Pesquisa em Economia do Desenvolvimento (Universidade da ONU).

**Para ele, a desigualdade faz com que alguns indivíduos não tenham a oportunidade de desenvolver suas capacidades. E isso acaba por influenciar em sua renda e seu espaço na sociedade.**

**POR OUTRO LADO, O ACESSO À EDUCAÇÃO PODE AJUDAR A DIMINUIR A DESIGUALDADE.**

**GARANTIR EDUCAÇÃO DE QUALIDADE A TODAS AS CRIANÇAS DO BRASIL É O CAMINHO MAIS EFICIENTE PARA REDUZIR A ENORME DESIGUALDADE DE RENDA E OPORTUNIDADES.**

- Andreas Schleicher, Diretor de educação e de competências da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OCDE]



# O QUE É DIVERSIDADE

É o conjunto de diferenças e valores compartilhados pelos seres humanos na vida social. A diversidade mostra que as pessoas não são iguais entre si. Cada um tem sua bagagem, sua história e suas experiências, que devem ser igualmente respeitadas.

**Somos diversos! Em gênero, etnia, religião, orientação sexual e também características físicas, emocionais e cognitivas, entre outras dimensões.**

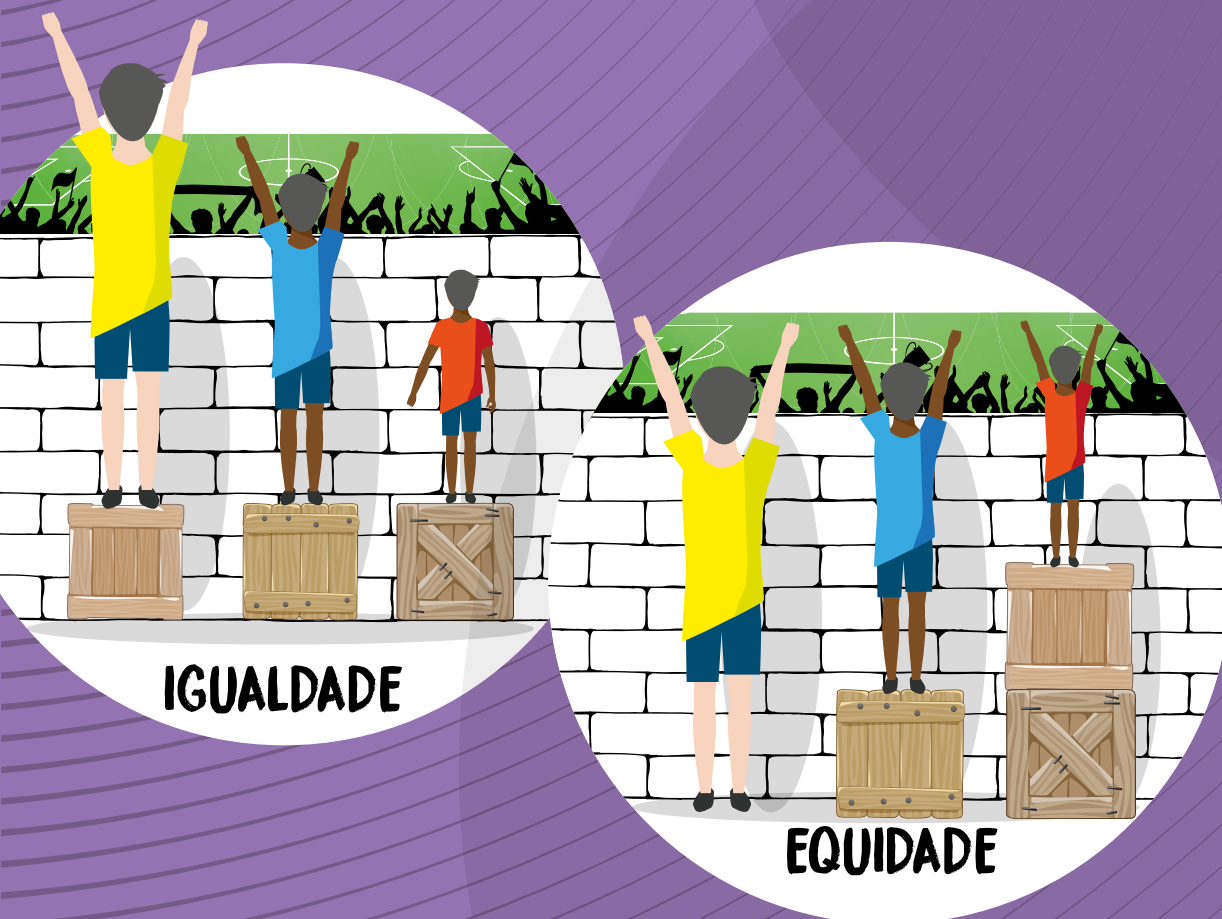
**Muitas vezes a diferença é vista como problemática ou inadequada diante dos padrões estabelecidos por um determinado grupo social ou cultural dominante. Isso faz com que alguns grupos sejam inferiorizados, o que gera discriminação, preconceito e intolerância, e atrapalha o desenvolvimento e relacionamento entre as pessoas.**

**PENSE NISSO:  
NÃO ACEITAR E COMPREENDER  
A DIVERSIDADE PODE LEVAR À  
VIOLÊNCIA E À EXCLUSÃO SOCIAL.**



# VOCÊ SABE O QUE É EQUIDADE?

Equidade é uma forma de buscar a igualdade considerando que nem todos têm as mesmas oportunidades. A desigualdade social é muito presente no Brasil e por isso cada um parte de um lugar muito diferente.



**“DESIGUAIS PRECISAM SER TRATADOS DIFERENTES, CASO CONTRÁRIO AS DESIGUALDADES NÃO SERÃO SUPERADAS. A PERSPECTIVA DA EQUIVALÊNCIA REPRESENTA UMA TERCEIRA GERAÇÃO DE DIREITOS, A DOS DIREITOS DIFUSOS E COLETIVOS, QUE SE DIFERENCIA DA PRIMEIRA GERAÇÃO (DIREITOS INDIVIDUAIS), E DA SEGUNDA GERAÇÃO (OS DIREITOS SOCIAIS E ECONÔMICOS). ESSA TERCEIRA GERAÇÃO DE DIREITOS TRAZ CONJUNTAMENTE PRINCÍPIOS COMO CONFIANÇA, SOLIDARIEDADE E TOLERÂNCIA E SÓ PODEM SER RESPONDIDOS EM UMA ÓTICA COMUNITÁRIA.”**

-Gabriel Medina, Instituto Unibanco

**“TEMOS O DIREITO DE SER IGUAIS QUANDO A NOSSA DIFERENÇA NOS INFERIORIZA; E TEMOS O DIREITO DE SER DIFERENTES QUANDO A NOSSA IGUALDADE NOS DESCARACTERIZA. DAÍ A NECESSIDADE DE UMA IGUALDADE QUE RECONHEÇA AS DIFERENÇAS E DE UMA DIFERENÇA QUE NÃO PRODUZA, ALIMENTE OU REPRODUZA AS DESIGUALDADES”.**

- Boaventura Sousa Santos, Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Distinguished Legal Scholar da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison e Global Legal Scholar da Universidade de Warwick



# A EDUCAÇÃO PRECISA SER PARA TODOS



Uma abordagem inclusiva parte do princípio de que o normal é ser diferente. E de que ser diferente é normal.

**“A EDUCAÇÃO INCLUSIVA PODE SER ENTENDIDA COMO UMA CONCEPÇÃO DE ENSINO CONTEMPORÂNEA QUE TEM COMO OBJETIVO GARANTIR O DIREITO DE TODOS À EDUCAÇÃO. ELA PRESSUPÕE A IGUALDADE DE OPORTUNIDADES E A VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS HUMANAS, CONTEMPLANDO, ASSIM, AS DIVERSIDADES ÉTNICAS, SOCIAIS, CULTURAIS, INTELECTUAIS, FÍSICAS, SENSORIAIS E DE GÊNERO DOS SERES HUMANOS. IMPLICA A TRANSFORMAÇÃO DA CULTURA, DAS PRÁTICAS E DAS POLÍTICAS VIGENTES NA ESCOLA E NOS SISTEMAS DE ENSINO, DE MODO A GARANTIR O ACESSO, A PARTICIPAÇÃO E A APRENDIZAGEM DE TODOS, SEM EXCEÇÃO.”**

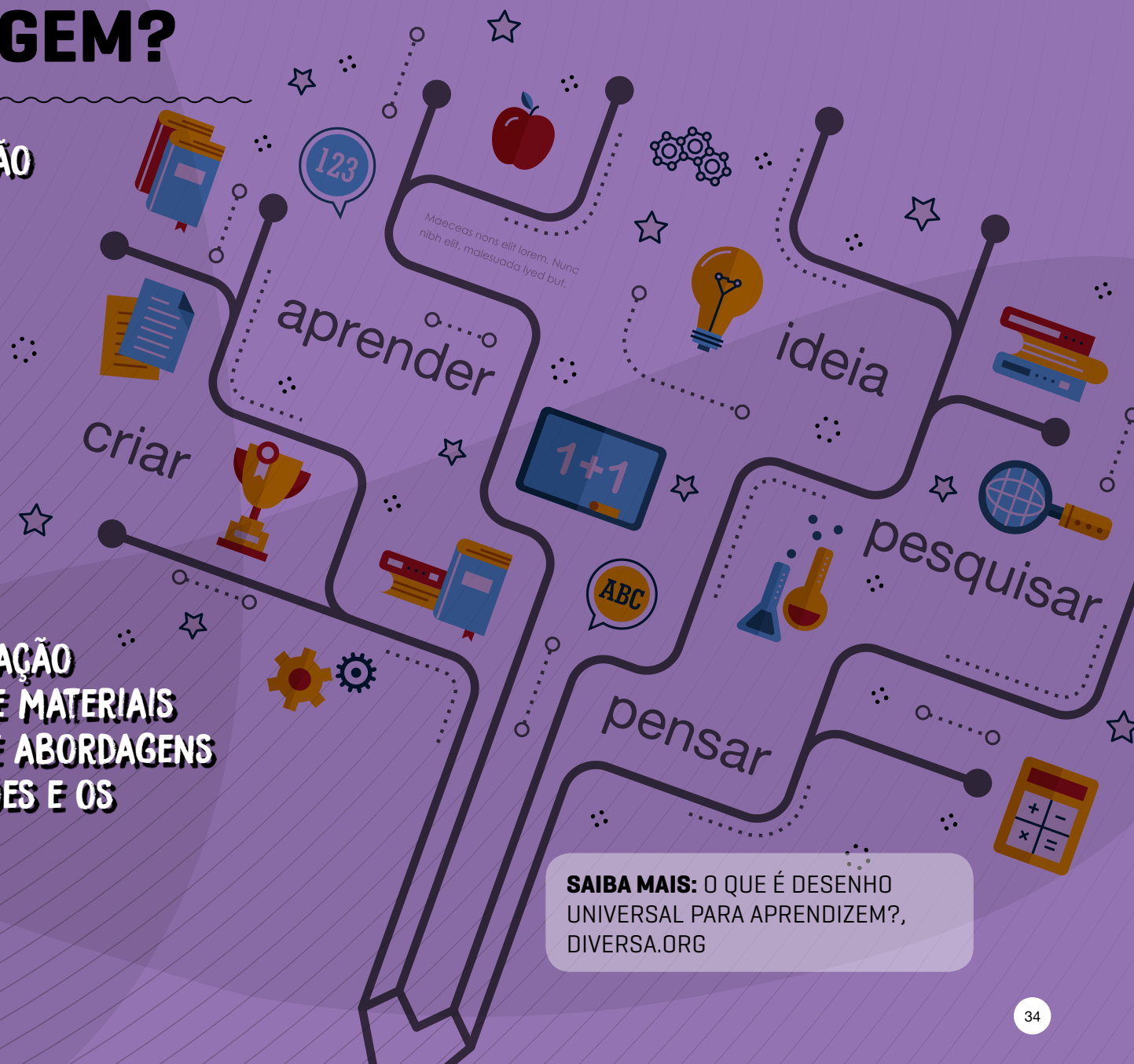
Fonte: O que é educação inclusiva?, Diversa.org



# VOCÊ CONHECE O DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM?

“OS MATERIAIS DE SALA DE AULA ESTÃO PREDOMINANTEMENTE COMPOSTOS POR INFORMAÇÕES EM TEXTO. MAS, O TEXTO É INSUFICIENTE PARA A REPRESENTAÇÃO DE MUITOS CONCEITOS E PARA A EXPLICAÇÃO DA MAIORIA DOS PROCESSOS. ILUSTRAÇÕES, SIMULAÇÕES, IMAGENS, VÍDEOS, ÁUDIOS OU GRÁFICOS INTERATIVOS TORNAM ESSES CONCEITOS E PROCESSOS MAIS ACESSÍVEIS. É NECESSÁRIA A ARTICULAÇÃO ENTRE VERSÕES FÍSICAS E DIGITAIS DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA A DIVERSIFICAÇÃO DE ABORDAGENS SOBRE OS CONCEITOS, AS INFORMAÇÕES E OS PROCESSOS EDUCACIONAIS.”

Fonte: Manual do Desenho Universal para Aprendizagem, Movimento Down



**SAIBA MAIS:** O QUE É DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM?, [DIVERSA.ORG](http://DIVERSA.ORG)

# JUVENTUDES E DIVERSIDADE

Como a diversidade chega na escola? Quem são os jovens do Ensino Médio? De que realidades e histórias estamos falando?

**“A JUVENTUDE É UM CONCEITO AMPLO, QUE NÃO SE RESTRINGE À BIOLOGIA, DEPENDENDO TAMBÉM DE FATORES CULTURAIS, SOCIAIS E HISTÓRICOS.”**

Fonte: Estudo Juventudes e o Ensino Médio, Plataforma Faz Sentido

A seguir vamos conhecer um pouco mais sobre as diversas identidades dos estudantes.

- jovem com deficiência
- jovem do campo
- jovem quilombola
- jovem indígena
- jovens e questões de gênero
- jovens e religiosidade



# JUVENTUDES E DIREITOS HUMANOS

A construção dos Direitos Humanos passa por diferentes contextos históricos e se adequa às necessidades de cada época. Com isso, esses direitos carregam uma noção de evolução que acontece a cada geração. Para analisar esse processo, um jurista chamado Karel Vasak criou a classificação de “**gerações de direitos**”. Sem pretensões científicas, isso ajuda a situar as diferentes categorias de direitos no contexto histórico em que surgiram.

## As três gerações dos direitos fundamentais

- a) Direitos Humanos de Primeira geração: direitos civis e políticos, compreendem as liberdades clássicas – realçam o princípio da **LIBERDADE**;
- b) Direitos Humanos de Segunda Geração: direitos econômicos, sociais e culturais. Identificam-se com as liberdades positivas, reais ou concretas e acentuam o princípio da **IGUALDADE**;
- c) Direitos Humanos de Terceira Geração: titularidade coletiva. Consagram o princípio da **FRATERNIDADE** ou **SOLIDARIEDADE**. Englobam o direito ao meio ambiente equilibrado, uma saudável qualidade de vida, progresso, paz, autodeterminação dos povos e outros direitos difusos.

Fonte: As três gerações dos direitos humanos, Politize



De acordo com o historiador Júlio Ribeiro, estamos em uma terceira geração de Direitos Humanos, o que explica a necessidade de falar de diversidades e desigualdades na escola.

**“ESTAMOS AGORA NUMA TERCEIRA GERAÇÃO DE DIREITOS: O RESPEITO À DIVERSIDADE. QUE O ALUNO COMPREENDA O MUNDO A PARTIR DA REALIDADE EM QUE ESTÁ INSERIDO: CAMPO, QUILOMBO, PERIFERIA, MEIO URBANO... TRATA-SE DE UM APROFUNDAMENTO NA QUESTÃO DA QUALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO.”**

- Júlio Ribeiro, historiador, pedagogo, coordenador pedagógico da EMEF Eugênio Trovatti

**“AQUI JÁ TEVE JAPONÊS, AFRICANO. QUANDO ENTRA ALGUÉM NOVO, A GENTE ACOLHE. TEVE UMA MENINA QUE APRENDEU LIBRAS SÓ PARA SE COMUNICAR COM UMA COLEGA SURDA-MUDA.”**

- Estudante do Ensino Médio



# JOVENS COM DEFICIÊNCIA

No Brasil, temos 13.737.099 de jovens entre 15 e 19 anos com algum tipo de deficiência. Isso representa 11,88% dos brasileiros.

Fonte: Censo Demográfico de 2010

## PARE E PENSE: QUANTOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VOCÊ CONHECE?

A verdade é que eles ainda não estão totalmente integrados na nossa sociedade. Isso inclui o acesso à escola.

Até pouco tempo, quem tinha deficiência era considerado incapaz, e por isso era mantido em ambientes privados. A partir dos anos 80 e 90, um conjunto de forças e movimentos sociais, institucionais e políticos passou a reivindicar os direitos dessas pessoas.

Um deles era o direito à educação, que começou com a criação de “salas especiais”. Mas logo ficou claro que separar esses estudantes dos outros ainda era uma forma de exclusão.



**23,9%**

dos brasileiros têm algum tipo de deficiência: 27.706.048 pessoas

**11,88%**

são jovens entre 15 e 19 anos

Fonte: Censo Demográfico de 2010

## Pessoas com deficiência: o que diz a Convenção de direitos?

Muitas vezes usamos termos que minimizam e diluem as diferenças, como “pessoas com capacidades especiais”, “pessoas com eficiências diferentes”, “pessoas com habilidades diferenciadas”, “pessoas deficientes”, “pessoas com disfunção funcional”.

Para enfrentar essa questão, a **Declaração de Salamanca**, de 1994 e a **Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**, adotado pela ONU em 2006, são alguns dos marcos que determinam que o termo mais adequado é “pessoa com deficiência”.

### Os princípios básicos que apoiam essa decisão são:

- Não esconder ou camuflar a deficiência;
- Mostrar com dignidade a realidade da deficiência;
- Valorizar as diferenças e necessidades decorrentes da deficiência;
- Defender a igualdade entre pessoas com deficiência e sem deficiência em termos de direitos e dignidade, o que exige a equiparação de oportunidades para pessoas com deficiência.

Fonte: Portal Diversa e Instituto Rodrigo Mendes

# A EDUCAÇÃO INCLUSIVA AINDA NÃO CHEGA PARA TODOS

O censo escolar de 2017 computou 1.066.446 milhões de matrículas na educação para pessoas com deficiência, sendo 896.809 em classes comuns e 169.637 em classes especiais.

Dos matriculados em classes comuns, foram registradas:

**93.231**

Ensino Médio

**7.308**

Ensino Técnico

**11.031**

Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos

**DO TOTAL DE MATRÍCULAS EM 2017, SOMENTE 159.576 DE JOVENS COM IDADE ENTRE 15-17 ANOS ESTAVAM MATRICULADOS EM CLASSES COMUNS.**

**SAIBA MAIS:** PARA CONHECER BOAS PRÁTICAS DE INCLUSÃO DESENVOLVIDAS EM ESCOLAS DE TODO O BRASIL, ACESSE O DIVERSA, PLATAFORMA QUE REÚNE ESTUDOS DE CASOS E RELATOS DE EXPERIÊNCIA.



# JOVENS DO CAMPO

- Existem quase oito milhões de jovens com idade entre 15 e 29 anos que vivem no campo
- 53% são homens
- Cerca de quatro milhões do total dessa população vive na região Nordeste
- Mais de 58% estão em situação de pobreza e extrema pobreza, segundo dados da Secretaria Nacional de Renda de Cidadania

Fonte: CENSO de 2010

**UM DOS PRINCIPAIS DESAFIOS DESSES JOVENS É O ACESSO À ESCOLA. ISSO PORQUE NÃO HÁ ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUFICIENTES NO MEIO RURAL.**

Das mais de 100 mil escolas rurais que existiam no Brasil em 2002, 17 mil foram fechadas, segundo pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Enquanto isso, as matrículas no ensino médio aumentaram de 289.101 mil para 359.353 mil, segundo o censo escolar.



Por outro lado, os jovens do campo muitas vezes não têm sua identidade reconhecida e valorizada na escola, seja ela rural ou não. e isso prejudica o seu desenvolvimento integral.



**“A DESVALORIZAÇÃO É REFORÇADA PELA ESCOLA, MESMO AS QUE ESTÃO LOCALIZADAS NO MEIO RURAL: MUITOS PROFESSORES, AO BUSCAR INCENTIVAR OS ALUNOS A ESTUDAREM, OS FAZEM REFLETIR QUE A FALTA DE ESTUDO IRÁ FAZER COM QUE SEJAM AGRICULTORES, DESASSOCIANDO EDUCAÇÃO DE AGRICULTURA E RELACIONANDO O AGRICULTOR COM O IGNORANTE”.**

- Maria de Assunção, professora da Universidade Federal de Campina Grande [UFCG] [2016/2017]

Uma das soluções para esse desafio é incluir na proposta de educação conteúdos que valorizem os saberes e tradições do campo. Isso mostra que o meio rural é um lugar onde vivem pessoas com diferentes dinâmicas de trabalho, de cultura, de relações sociais, e não apenas um espaço que reproduz os valores da cidade e práticas do meio urbano.

A Escola Família Agrícola Riacho de Santana, a 846 quilômetros de Salvador, aplica a Alternância de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série, com conteúdo adicional de iniciação à agricultura, à zootecnia e à administração rural. Foi isso que fez Paulo Cezar Souza Calado, 16 anos, voltar a estudar depois de ter desistido na 7<sup>a</sup> série, há dois anos:

**“EU TINHA AULAS NO CENTRO E PERDIA MAIS DE DUAS HORAS SÓ PARA IR E VOLTAR. NÃO VIA SENTIDO. AQUI APRENDI A FAZER POCILGA E HORTA. QUERO FAZER UM CURSO DE TÉCNICO AGRÍCOLA E TRABALHAR COM ISSO.”**

Fonte: Pedagogia de alternância na Educação rural, Nova Escola



# JOVENS NEGROS: PRETOS E PARDOS

O mito da democracia racial foi reproduzido por muitos anos no Brasil. É aquela visão de que não existe diferença de cor ou raça. Esse discurso que parece ser de igualdade na verdade impede o reconhecimento do racismo.

**“O PAÍS SE CONSTRUIU À CUSTA DO TRABALHO DOS ESCRAVIZADOS E ISSO SE MANTÉM PRESENTE AO LONGO DOS PROCESSOS. ESSES GRUPOS FORAM MANTIDOS AFASTADOS DAS ESCOLAS, DOS MELHORES EMPREGOS. A MANUTENÇÃO DE ESCOLAS POBRES PARA OS POBRES É UMA RAIZ ESTRUTURAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA”**

- Lucimar Dias, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Fonte: Como a diversidade se traduz em desigualdade na escola brasileira, Centro de Referências em Educação Integral; Cinco relatos que dão a dimensão do racismo no Brasil hoje, Nexa Jornal



**Você sabia que o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão?**

O longo período de colonização europeia explica a forma como lidamos com o racismo.

**“A QUESTÃO DA ESGRAVIDÃO É UMA MARCA HISTÓRICA. DURANTE ESSE PERÍODO, OS NEGROS NÃO TINHAM NEM A CONDIÇÃO DE HUMANIDADE E, PÓS-ABOLIÇÃO, NÃO HOUVE NENHUM PROJETO DE INSERÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA. MESMO DEPOIS DE LIBERTOS, OS NEGROS FIGARAM À PRÓPRIA SORTE. ENTÃO, O BRASIL VAI SE ESTRUTURAR SOBRE AQUILO QUE CHAMAMOS DE RACISMO INSTITUCIONAL.”**

- Otair Fernandes, professor, doutor em Ciências Sociais e coordenador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [Leafro/UFRRJ]



Desde 2003, a **Lei nº 10.639** obriga escolas públicas e privadas a ensinar história e cultura africana e afro-brasileira.

**24% das escolas não abordam o racismo em projetos temáticos. Isso representa 12 mil escolas do país.**

Fonte: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades [Ceert]

Mas, na prática, a gestão escolar e os pais dos estudantes têm dificuldade de debater o tema.

A discussão sobre racismo costuma ficar restrita às reuniões pedagógicas. Quando chega em sala de aula, é com pouca força e frequência.

# A COR NA ESCOLA

## ENSINO MÉDIO

**71%** dos brancos matriculados    **57,8%** dos pardos são matriculados    **56,8%** dos pretos são matriculados

### PORTUGUÊS

37,5% dos brancos e cerca de 22% dos negros têm aprendizado adequado no 3º ano do Ensino Médio.

### MATEMÁTICA

12,2% dos brancos terminam a escola com aprendizagem adequada. Entre os negros, são 5% no máximo.

### MATRÍCULAS NA EJA

36% são negros, somente 15% são brancos e 43% não declaram cor.

### ESCOLARIDADE MÉDIA

dos negros de 18 a 29 anos: 9,5 anos. Entre os brancos: 10,8 anos.

Fonte: Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos raciais, Paula Louzano (2013)



# JOVENS QUILOMBOLAS



No Brasil, segundo mapeamento realizado pela Fundação Palmares, do Ministério da Cultura, existem mais de três mil comunidades quilombolas, compostas por população negra, afro descendente e agregados.

As escolas quilombolas foram regulamentadas em 2012 com a criação das Diretrizes Curriculares Específicas.

A Educação Escolar Quilombola segue as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, e portanto:

- deve ser desenvolvida em unidades educacionais dentro de suas próprias terras
- é baseada na cultura dos ancestrais quilombolas
- tem pedagogia própria e adequada à realidade étnico-cultural de cada comunidade

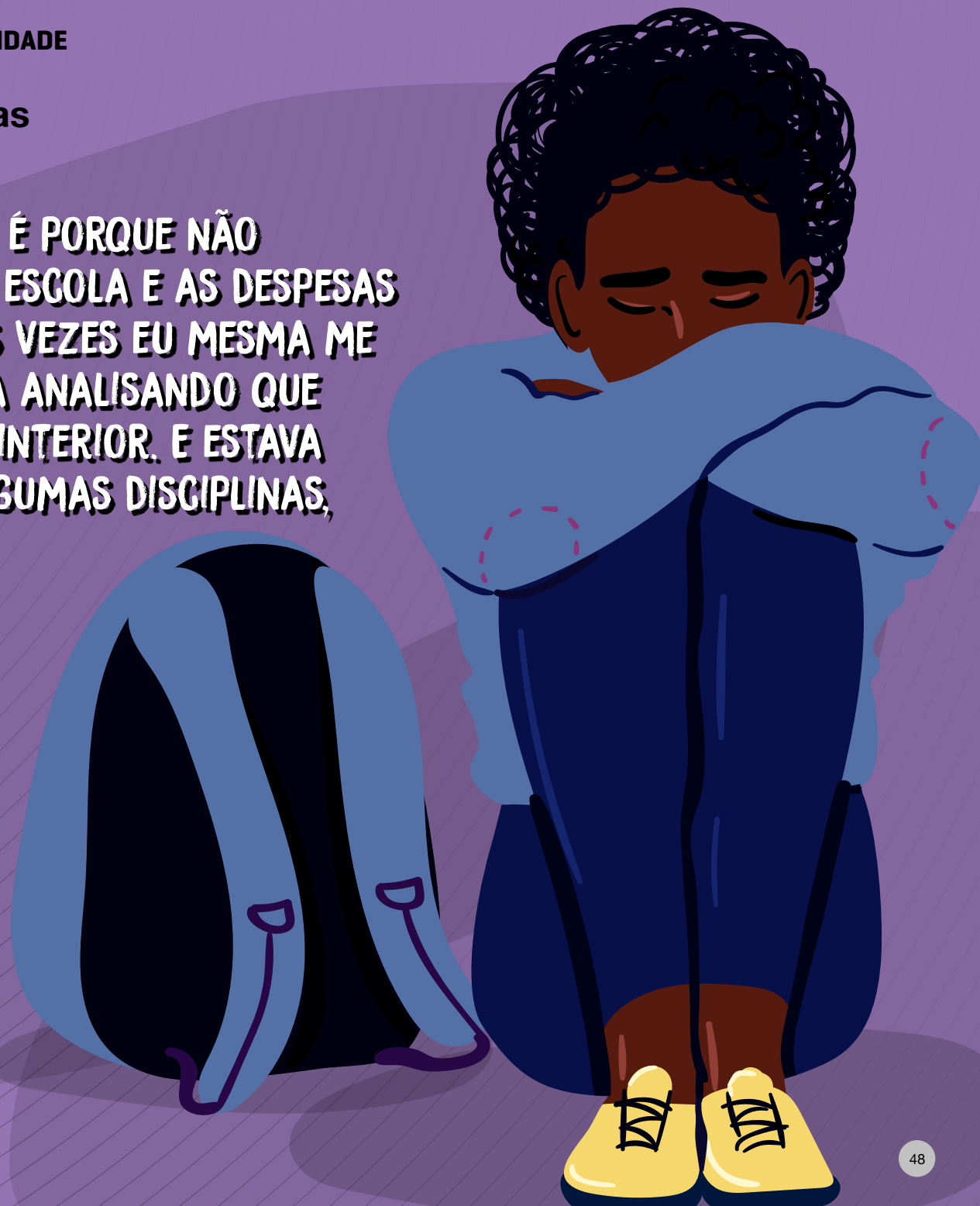
Fonte: A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil, Margarida Cássia Campos e Tainara Sussai Gallinari

Na prática, muitos jovens quilombolas enfrentam dificuldades para estudar.

**“AS DIFICULDADES QUE EU MAIS TINHA É PORQUE NÃO CONSEGUIA MANTER AS DESPESAS DA ESCOLA E AS DESPESAS DE CASA. [...] ME SENTIA EXCLUÍDA. ÀS VEZES EU MESMA ME EXCLUÍA DO GRUPO PORQUE EU FIGAVA ANALISANDO QUE TODOS ERAM DE CIDADE E EU ERA DO INTERIOR. E ESTAVA TENDO BASTANTE DIFICULDADE EM ALGUMAS DISCIPLINAS, PRINCIPALMENTE EM MATEMÁTICA”**

- Francimara Delgado Nunes,  
estudante quilombola, em entrevista à EBC

Fonte: Quilombolas enfrentam barreiras  
para concluir ensino médio e entrar na universidade, EBC



# JOVENS INDÍGENAS

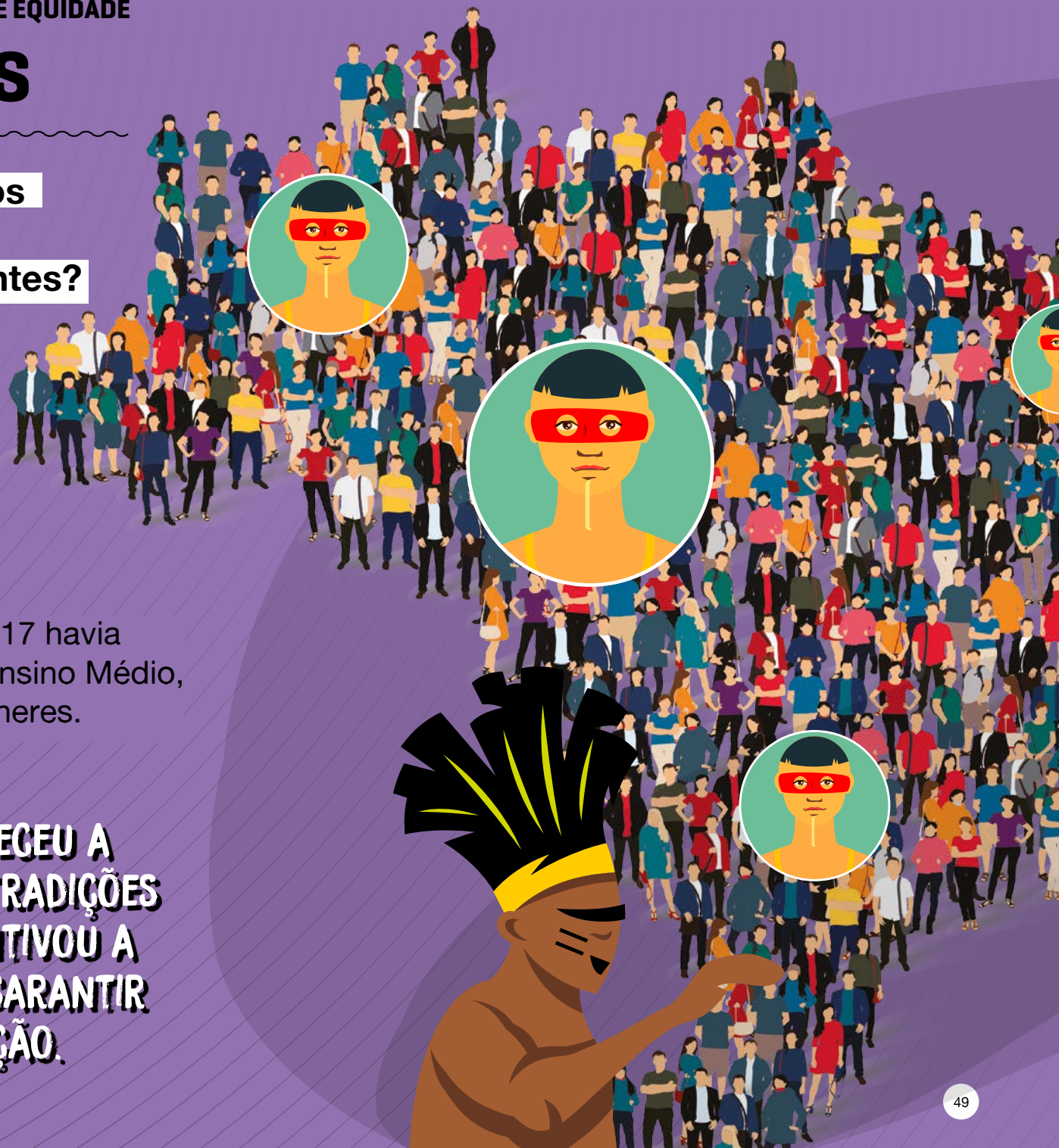
**Você sabia que existem 254 povos indígenas no Brasil? E que eles falam mais de 150 línguas diferentes?**

Dos 896.917 indígenas brasileiros 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais.

Segundo o Censo Escolar de 2017, existem 3.218 escolas em terras indígenas em 26 estados brasileiros.

Os dados revelam que, no Brasil em 2017 havia 35.302 mil indígenas matriculados no Ensino Médio, sendo 17.857 homens e 17.445 de mulheres.

**A CONSTITUIÇÃO DE 1988 RECONHECEU A ORGANIZAÇÃO SOCIAL, LÍNGUA E TRADIÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS. ISSO INCENTIVOU A IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES PARA GARANTIR DIREITOS BÁSICOS A ESTA POPULAÇÃO.**



Os jovens indígenas enfrentam dificuldades em sua trajetória escolar, como infraestrutura inadequada e falta de materiais didáticos bilíngues que dialoguem com suas realidades.

**“SOFREMOS PRESSÃO DE MADEIREIROS E GARIMPEIROS QUE DESEJAM EXPLORAR DE MANEIRA ILLEGAL AS RIQUEZAS NATURAIS DE NOSSA TERRA. POR ISSO, DECIDI REALIZAR O PROJETO LAP GUP (NOSSA CASA, NOSSO LAR) PARA FORTALECER A IDENTIDADE INDÍGENA DOS ESTUDANTES, NÃO COMO SUJEITOS À PARTE DA HISTÓRIA NACIONAL E MUNDIAL, MAS COMO POVOS QUE FAZEM PARTE DOS PROCESSOS HISTÓRICOS. O MOTIVO PRINCIPAL QUE ME LEVOU A REALIZAR ESSE TRABALHO FOI SUPERAR PRECONCEITOS E BUSCAR NOVAS ALTERNATIVAS DE SOBREVIVÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO ETNOCONHECIMENTO DO POVO PAITER.”**

- Luiz Weymilawa Surui, pertencente ao clã Ĝapĝir, do povo indígena Paiter Surui, situada a 60 quilômetros do município de Cacoal [RO]. Professor das disciplinas de história, geografia e filosofia na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio José do Carmo Santana

Fonte: Escola indígena resgata tradição em aulas inclusivas de geografia, Diversa

Os Povos Indígenas têm direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena. Seguindo o regime de colaboração, posto pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a coordenação nacional das políticas de Educação Escolar Indígena é de competência do Ministério da Educação (MEC), cabendo aos Estados e Municípios a execução para a garantia deste direito dos povos indígenas.

Fonte: Educação Escolar Indígena, Funai



# JOVENS E RELIGIOSIDADE

A religião faz parte não só do dia a dia dos jovens, mas também da história da humanidade. E por isso não pode ser ignorada ou excluída do ambiente escolar.



**“DO PONTO DE VISTA HISTÓRICO, A RELIGIÃO É MUITO IMPORTANTE PORQUE PERPASSA TODA A HISTÓRIA DOS POVOS E É FUNDAMENTAL ABORDAR ISSO NAS AULAS”.**

- Maria Alice Setubal, socióloga, em entrevista ao Jornal da CBN

A escola tem um papel importante de educar para a tolerância religiosa. Para isso, é preciso reconhecer a diversidade religiosa e buscar informações sobre as diferentes religiões.

**NÃO SE TRATA DE ENSINAR A RELIGIÃO NAS ESCOLAS, MAS SIM DE TER CONDIÇÕES DE DIALOGAR COM TODAS AS RELIGIÕES DE FORMA IGUAL.**

Mas, na prática, a escola muitas vezes é um espaço de intolerância religiosa.

**“A ESCOLARIZAÇÃO PÚBLICA EM NOSSO PAÍS FOI E CONTINUA SENDO MARCADA PELO ESPÍRITO DE GATEQUESE. [...] DENTRO DESSA LÓGICA A ESCOLA NÃO AGOLHE AS DIFERENÇAS RELIGIOSAS. EM MAIS DE 20 ANOS DE PESQUISA TODAS AS CRIANÇAS E JOVENS DE CANDOMBLÉ SÃO UNÂNIMES QUANDO AFIRMAM QUE TODOS OS ESPAÇOS DA SOCIEDADE SÃO CRUEIS, MAS NENHUM LUGAR É TÃO CRUEL QUANTO A ESCOLA.”**

– Stela Guedes, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ (PROPED-UERJ) e autora do livro “Educação nos terreiros – e como a escola se relaciona com crianças de candomblé”

**“A LAIGIDADE É A MAIOR GARANTIA DA LIBERDADE RELIGIOSA. UM ESTADO LAICO DIZ QUE A RELIGIÃO É DA ESFERA PRIVADA E QUE NÃO TEM LUGAR PARA ELA NA ESFERA PÚBLICA. ISSO PERMITE QUE TODAS AS FÉS SEJAM EXERCIDAS, PORQUE O ESTADO NÃO OPTA POR UMA DELAS”**

– Yves de La Taille, professor e especialista em psicologia moral da Universidade de São Paulo

Fontes: Escola é o espaço onde crianças de religiões afro mais se sentem discriminadas, afirma pesquisadora, Portal Aprendiz; Os desdobramentos do ensino religioso confessional nas escolas públicas, Centro de Referências em Educação Integral

**É IMPORTANTE LEMBRAR QUE O ESTADO LAICO GARANTE A LIBERDADE DE RELIGIÃO NO BRASIL.**



# O IMPACTO DAS QUESTÕES DE GÊNERO NA RELAÇÃO DOS JOVENS COM A ESCOLA

**O DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS JÁ MOSTROU QUE QUESTÕES DE SEXO E GÊNERO SÃO CONSTRUÇÕES SOCIAIS. MESMO ASSIM, AINDA É COMUM PRESENCIARMOS DESRESPEITO, INTOLERÂNCIA, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIAS CONTRA A DIVERSIDADE.**

O ambiente escolar tem um papel importante na percepção e construção de referências sociais. De acordo com o estudo da UNIFESP - Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (2015) temos que explicitar e desinvisibilizar diferenças e desigualdades. Isso porque, parar de invisibilizar estudantes com certos conteúdos escolares, por exemplo, meninos gostam de matemática e meninas de português, pode auxiliar na não reprodução de estigmas e preconceitos.



**ACESSE TAMBÉM:**  
ESTUDO JUVENTUDES E  
ENSINO MÉDIO: CAPÍTULO  
3, QUESTÕES DE GÊNERO

# A ESCOLA COMO ESPAÇO DE AUTONOMIA E LIBERDADE PARA AS MENINAS

Adriano Souza Senkevics (2015) em pesquisa sobre *Gênero, Família e Escola*, observou como os constrangimentos enfrentados pelas meninas, especialmente em casa, faziam da escola um dos principais domínios de expressão e de sociabilidade.

Ainda que existam desigualdades de gênero no ambiente escolar, esse é um espaço de maior autonomia e liberdade para as jovens, que muitas vezes ficam restritas ao mundo doméstico e às tarefas da casa.

**O PESQUISADOR TAMBÉM IDENTIFICOU QUE AS MENINAS TÊM MAIS PLANOS DE FUTURO PROFISSIONAL QUE DEPENDEM, POR EXEMPLO, DA PASSAGEM PELO ENSINO SUPERIOR.**



## E os meninos?

A pesquisa mostrou que o foco dos meninos é muito maior em obter recursos financeiros para si próprios ou para ajudar suas famílias. Ao mesmo tempo, a vivência fora de casa, com os amigos da rua ou do bairro, leva à construção de relações mais frágeis com a escola, que deixa de ter um papel importante tanto na perspectiva de futuro quanto na questão da sociabilidade.

# FEMINISMO E IGUALDADE DE GÊNERO

**MALALA YOUSAFZAI É FEMINISTA, SÍMBOLO DA LUTA PELO DIREITO À EDUCAÇÃO DAS MENINAS E SOBREVIVENTE DA VIOLÊNCIA EXTREMISTA DO TALIBÃ.**

**MALALA LEVOU UM TIRO QUANDO VOLTAVA PARA CASA EM UM ÔNIBUS ESCOLAR POR DESAFIAR OS TALIBÃS LOCAIS QUE IMPEDEM AS JOVENS DE IR À ESCOLA. ELA É A MAIS JOVEM VENCEDORA DO PRÊMIO NOBEL DA PAZ.**

**Como isso chega na escola?**

**A ONU Mulheres tem um currículo sobre igualdade de gênero com seis planos de aula. O objetivo é apoiar os educadores na conscientização de meninos e meninas sobre os direitos das mulheres.**

**Por meio da iniciativa “O Valente não é Violento”, a organização propõe o fim de estereótipos de gênero e comportamentos machistas para que as mulheres possam viverem uma vida livre de violências e discriminações.**

**CONHEÇA A PROPOSTA O VALENTE NÃO É VIOLENTO, ONU MULHERES, CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL**



**SAIBA MAIS:**

**QUEM É MALALA YOUSAFZAI?  
A PRÊMIO NOBEL EM SUAS PRÓPRIAS  
PALAVRAS, CENTRO DE REFERÊNCIA  
EM EDUCAÇÃO INTEGRAL**

# POR QUE O MOVIMENTO FEMINISTA É IMPORTANTE?

Durante muito tempo as violências contra a mulher foram chamadas de casos “passionais”. Esses ataques muitas vezes acontecem dentro de casa, na família, e são diferentes da violência que atinge os homens. Eles morrem por diversos motivos, mas nunca por serem homens.



## Representatividade feminina

As mulheres são sub-representadas não só em cargos gerenciais, mas também na vida política, como no Congresso Nacional e cargos ministeriais, segundo estudo do IBGE Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil.

O Brasil ocupa a 152ª posição entre 190 países, em relação ao percentual de cadeiras em suas câmaras de deputados ocupadas por mulheres em exercício.

A cada **2 segundos**, uma mulher é vítima de violência verbal ou física.

A cada **10 minutos**, uma mulher é estuprada.

A cada **120 minutos** uma mulher é assassinada.

Fonte: 12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017, Fórum Brasileiro de Segurança Pública

No Brasil, as mulheres ainda ganham em média **25% a menos** do que os homens, de acordo com uma pesquisa do IBGE, 2018.

# INTERSECCIONALIDADE: QUANDO AS DISCRIMINAÇÕES SE SOMAM

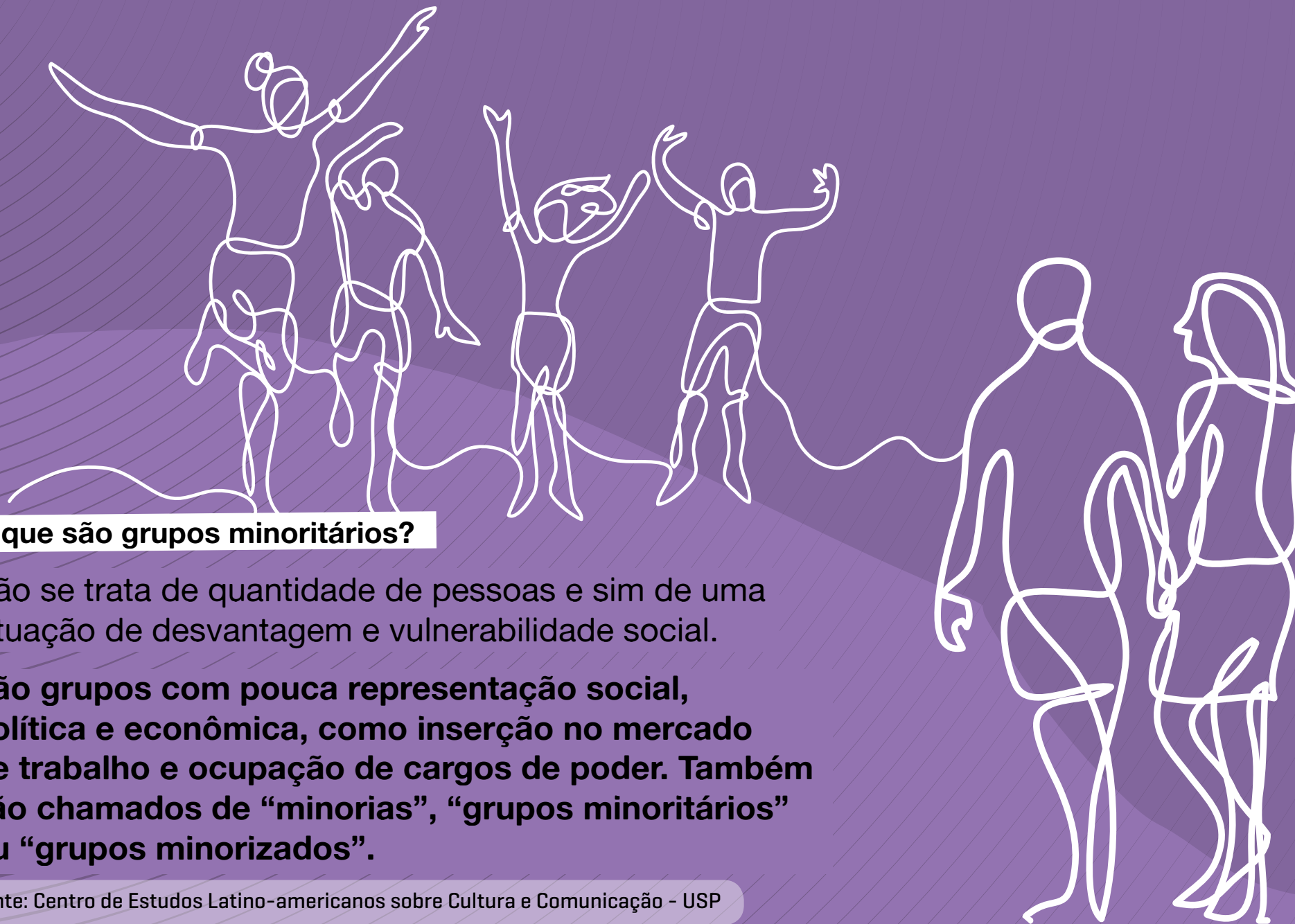
Você já deve ter reparado que a desigualdade e a discriminação afetam de maneiras diferentes jovens que pertencem a mais de um grupo minoritário.

Por exemplo, um homem homossexual branco sofre o preconceito de uma forma. Já um homem homossexual e negro sofre duplamente: com a discriminação sobre sua orientação sexual e as discriminações raciais.

**“TODO PREGONCEITO SOFRIDO É REFLEXO DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DESSE INDIVÍDUO, E ESSAS CARACTERÍSTICAS SE SOMAM E FORMAM UM NOVO TIPO DE OPRESSÃO. NÃO É UMA QUESTÃO DE HIERARQUIZAR SOFRIMENTOS, TODOS JÁ PASSAMOS POR SITUAÇÕES DE OPRESSÃO E PREGISAMOS NOS SENTIR REPRESENTADOS NESSAS LUTAS, A INTERSECCIONALIDADE SURTIU PARA ISSO.”**

- Janine Gonçalves - membra do Coletivo Geni de Feminismo Interseccional





### O que são grupos minoritários?

Não se trata de quantidade de pessoas e sim de uma situação de desvantagem e vulnerabilidade social.

**São grupos com pouca representação social, política e econômica, como inserção no mercado de trabalho e ocupação de cargos de poder. Também são chamados de “minorias”, “grupos minoritários” ou “grupos minorizados”.**

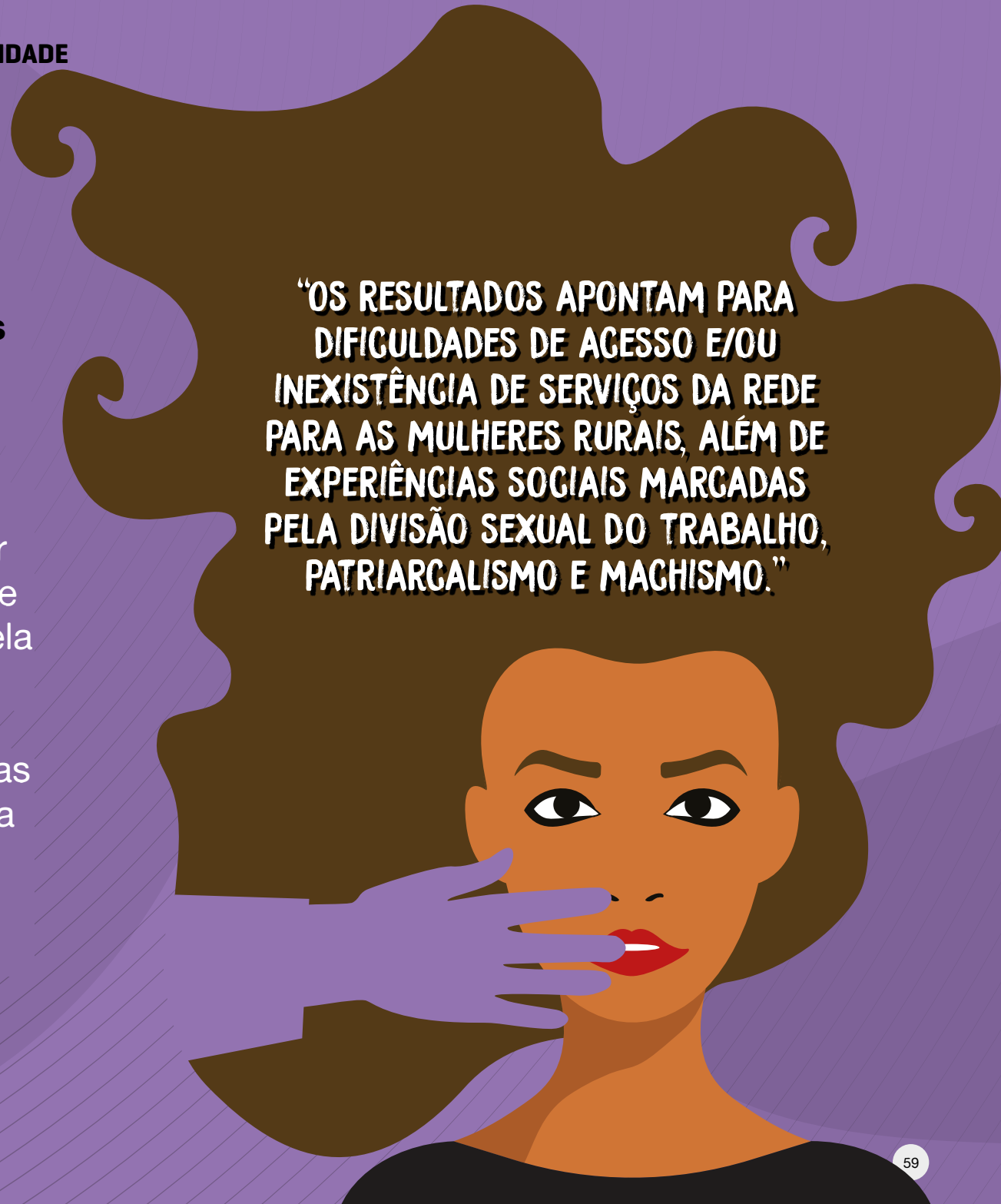
Fonte: Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação - USP

**Da mesma forma, uma jovem do campo sofre preconceitos diferentes de um jovem do campo, pelo fato de ser menina.**

Isso acontece porque as violências e privações que ela pode sofrer por estar no meio rural, assim como o menino, se somam às violências e privações que ela pode sofrer por ser menina.

Foi o que constataram as pesquisadoras Patricia Krieger Grossi e Ana Rita Costa Coutinho, da PUCRS, em seu estudo “Violência contra a mulher do campo: desafios às políticas públicas.”

**“OS RESULTADOS APONTAM PARA DIFICULDADES DE ACESSO E/OU INEXISTÊNCIA DE SERVIÇOS DA REDE PARA AS MULHERES RURAIS, ALÉM DE EXPERIÊNCIAS SOCIAIS MARCADAS PELA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, PATRIARGALISMO E MAGHISMO.”**



O nome disso é **interseccionalidade**, que significa o estudo da sobreposição ou cruzamento de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão. O termo foi criado pela professora norte-americana Kimberlé Crenshaw, em 1989.

**“AS LEIS E AS POLÍTICAS NEM SEMPRE PREVÊM QUE SOMOS, AO MESMO TEMPO, MULHERES E NEGRAS. POR ESSA RAZÃO, ESSE PROJETO PROCURA ESTABELEGER UMA PONTE ENTRE O QUE É VIVENCIADO NA PRÁTICA E COMO UMA POLÍTICA PÚBLICA PREVÊ ESSES PROBLEMAS. UMA DAS RAZÕES PELAS QUAIS A INTERSECCIONALIDADE CONSTITUI UM DESAFIO É QUE, FRANCAMENTE, ELA ABORDA DIFERENÇAS DENTRO DA DIFERENÇA.”**

– Kimberlé Crenshaw, A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero



**“Mulheres negras têm três vezes mais chances de sofrer feminicídio do que mulheres brancas**

**- Violência doméstica contra mulheres negras cresce no país, fundo fale sem medo. Esse dado expressa como a interseccionalidade entre gênero e raça impacta na violência contra a mulher.**

**VEJA TAMBÉM:** A URGÊNCIA DA INTERSECCIONALIDADE, TED

# O PERIGO DE UMA ÚNICA HISTÓRIA

A escritora Chimamanda Ngozi Adichie ficou mundialmente conhecida depois de participar da série de conferências TED com a palestra “O perigo de uma única história”.

Chimamanda nasceu em Abba, na Nigéria, e usa seu exemplo de vida para falar sobre a importância de enxergar a complexidade de cada pessoa. E de como, muitas vezes, reduzimos a história de alguém, ou de um povo, a uma história única. Apesar de ter nascido na África, ela demorou para conhecer a literatura africana, porque suas principais referências na infância eram livros ingleses.

**“A ÚNICA HISTÓRIA CRIA ESTEREÓTIPOS. E O PROBLEMA COM ESTEREÓTIPOS NÃO É QUE ELES SEJAM MENTIRA, MAS QUE ELES SEJAM INCOMPLETOS. (...) EU SEMPRE ACHEI QUE ERA IMPOSSÍVEL ME RELACIONAR ADEQUADAMENTE COM UM LUGAR OU UMA PESSOA SEM ME RELACIONAR COM TODAS AS HISTÓRIAS DAQUELE LUGAR OU PESSOA. A CONSEQUÊNCIA DE UMA ÚNICA HISTÓRIA É ESSA: ELA ROUBA DAS PESSOAS SUA DIGNIDADE. FAZ O RECONHECIMENTO DE NOSSA HUMANIDADE COMPARTILHADA DIFÍCIL. ENFATIZA COMO NÓS SOMOS DIFERENTES AO INVÉS DE COMO SOMOS SEMELHANTES.**

- Chimamanda Ngozi Adichie, assista aqui o TED





# REFERÊNCIAS

---

### Capítulo 2 - Diversidade, desigualdade e equidade

Educação é melhor que renda para reduzir desigualdade.  
In: Valor Econômico Disponível em: <<https://www.valor.com.br/brasil/5336105/ocde-educacao-e-melhor-que-renda-para-reduzir-desigualdade>>  
Acesso em 20/10/2018

Manual do Desenho Universal para Aprendizagem.  
In: Movimento Down Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Manual-FINAL-bibliografia.pdf>  
Acesso em 20/10/2018

MENDES, Rodrigo Hubner. O que é desenho universal para aprendizes?,  
In: Diversa.org Disponível em: <http://diversa.org.br/artigos/o-que-e-desenho-universal-para-aprendizagem/>  
Acesso em 20/10/2018

FAZ SENTIDO. Estudo Juventudes e o Ensino Médio,  
In Plataforma Faz Sentido Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2017/08/INSPI-A-FZS2-ESTUDO-JUVENTUDES-EM.pdf>> Acesso em 20/10/2018

As três gerações dos direitos humanos.  
In: Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/tres-geracoes-dos-direitos-humanos/> .  
Acesso em 20/10/2018

Martin, Carla Soares. Os fundamentos das deficiências e das síndromes.  
In: Revista Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1384/os-fundamentos-das-deficiencias-e-sindromes>>  
Acesso em 20/10/2018

Faz Sentido. Estudo Juventudes e o Ensino Médio.  
In: Plataforma Faz Sentido Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2017/08/INSPI-A-FZS2-ESTUDO-JUVENTUDES-EM.pdf>>  
Acesso em 20/10/2018

Faz Sentido. Formação de Educadores.  
In: Plataforma Faz Sentido Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2017/08/INSPI-A-FZS2-ESTUDO-FORMACAOEDUCADORES-EM-1.pdf>>  
Acesso em 20/10/2018

Faz Sentido. Currículo e Práticas Pedagógicas.  
In: Plataforma Faz Sentido. Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2017/08/INSPI-A-FZS2-CURRICULOSPRATICAS-EM.compressed.pdf>>  
Acesso em 20/10/2018

Rodrigues, Cinthia. Pedagogia de alternância na Educação rural.  
In: Revista Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2924/pedagogia-de-alternancia-na-educacao-rural>>  
Acesso em 20/10/2018

MATUOKA, Ingrid. Como a diversidade se traduz em desigualdade na escola brasileira.  
In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/como-a-diversidade-se-traduz-em-desigualdade-na-escola-brasileira/>>  
Acesso em 20/10/2018

DIAS, Tatiana. Cinco relatos que dão a dimensão do racismo no Brasil. In: Nexo Jornal. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2015/12/31/Cinco-relatos-que-d%C3%A3o-a-dimens%C3%A3o-do-racismo-no-Brasil-hoje>>  
Acesso em 20/10/2018

### Capítulo 2 - Diversidade, desigualdade e equidade

BRASIL. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-norma-pl.html>>. Acesso em 20/10/2018

CAMPOS, Margarida Cássia, GALLINARI, Tainara Sussal.

A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil.

In: Revista FCT UNESP Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewFile/4894/3688> .

Acesso em 20/10/2018

TOKARNIA, Mariana. Quilombolas enfrentam barreiras para concluir ensino médio e entrar na universidade.

In: EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/educacao/2013/10/jovens-quilombolas-enfrentam-barreiras-para-concluir-ensino-medio-na-area-rural-de> Acesso em 20/10/2018

TOKARNIA, Mariana. No Maranhão, professores se dedicam a melhorar a vida de comunidades quilombolas.

In: EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/educacao/2013/10/no-maranhao-professores-se-dedicam-a-melhorar-a-vida-de-comunidades-quilombolas>  
Acesso em 20/10/2018

Educação Escolar Indígena.

In: FUNAI. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/educacao-escolar-indigena>.  
Acesso em 20/10/2018

Ensino confessional não deveria acontecer no Estado Laico.

In: CBN. Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/124435/ensino-confessional-nao-deveria-acontecer-no-estad.htm>  
Acesso em 20/10/2018

NOGUEIRA, Pedro Ribeiro. Escola é o espaço onde crianças de religiões afro mais se sentem discriminadas, afirma pesquisadora. Disponível em: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/05/12/escola-e-o-espaco-onde-criancas-de-religoes-afro-mais-se-sentem-discriminadas-afirma-pesquisadora/>  
Acesso em 20/10/2018

MATUOKA, Ingrid. Os desdobramentos do ensino religioso confessional nas escolas públicas.

In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/os-desdobramentos-do-ensino-religioso-confessional-nas-escolas-publicas/>  
Acesso em 20/10/2018

Viver em São Paulo - Diversidade.

In: Rede Nossa São Paulo. Disponível em: [https://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/viver\\_em\\_sp\\_diversidade\\_apresentacao.pdf](https://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/viver_em_sp_diversidade_apresentacao.pdf)  
Acesso em 20/10/2018

Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no brasil 2016. In ABGLT. Disponível em: <http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>  
Acesso em 20/10/2018

Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.

In: Comfor UNIFESP. Disponível em: [http://comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca\\_virtual/GDE/GDE\\_Completo.pdf](http://comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca_virtual/GDE/GDE_Completo.pdf)  
Acesso em 20/10/2018

Gênero e Educação para Todos. In: Relatório UNESCO. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001324/132480por.pdf>  
Acesso em 20/10/2018

### Capítulo 2 - Diversidade, desigualdade e equidade

TRAMONTINA, Mariana. Feminismo. In: UOL TAB. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/feminismo/>  
Acesso em 20/10/2018

PAIVA, Thais. Quem é Malala Yousafzai?  
A prêmio Nobel em suas próprias palavras.  
In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em:  
<https://educacaointegral.org.br/reportagens/quem-e-malala-yousafzai-a-premio-nobel-em-suas-proprias-palavras/>  
Acesso em 20/10/2018

BASILIO, Ana Luiza. ONU Mulheres lança currículo de gênero para conscientização em escolas.  
In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em:  
<https://educacaointegral.org.br/reportagens/onu-mulheres-lanca-curriculo-de-genero-para-conscientizacao-em-escolas/>  
Acesso em 20/10/2018

Atlas da violência.  
In: IPEA. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2017.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf)  
Acesso em 20/10/2018

Mapa da violência.  
In: Flacso Brasil. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/>  
Acesso em 20/10/2018

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017.  
In: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/atividades/anuario/>  
Acesso em 20/10/2018

ATAL, Juan Pablo; ÑOPO Hugo; WINDER, Natalia. New Century, Old Disparities Gender and Ethnic Wage Gaps in Latin America. In: BID. Disponível em: <http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=2208929>  
Acesso em 20/10/2018

Professor apoia formação de coletivo feminista em escola. In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/experiencias/professor-apoia-formacao-de-coletivo-feminista-em-escola/>

GROSSI, Patrícia; COUTINHO Ana Rita Costa. Violência contra a mulher do campo: desafios às políticas públicas. In: Serviço Social em Revista - UEL Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/download/32071/23366> >  
Acesso em 20/10/2018

A urgência da Interseccionalidade. In: Cruzamento: raça e gênero. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>> Acesso em 20/10/2018

CRENSHAW, Kimberlé. A urgência da Interseccionalidade. In: TED. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/kimberle\\_crenshaw\\_the\\_urgency\\_of\\_intersectionality?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br)>  
Acesso em 20/10/2018

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O Perigo de uma única história. In: TED. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)>  
Acesso em 20/10/2018



**MUITO  
OBRIGADO!**

Uma parceria:

